



VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 10ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, trazemos aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão 🌟



Obras de Fábio Baroli da exposição Horizonte Cerrado na galeria do CCJF.

Nova exposição no CCJF retrata o cerrado brasileiro a partir das obras de 40 artistas contemporâneos do país

Entre os dias 25 de janeiro e 23 de março, o Centro Cultural Justiça Federal recebe a mostra *Horizonte Cerrado: viver no centro do mapa*, que reúne 140 obras de 40 artistas contemporâneos brasileiros consagrados, como Athos Bulcão, Antonio Obá e Camila Soato. As obras, da coleção de Sérgio Carvalho, trazem diferentes visões artísticas sobre o Cerrado, segundo maior bioma do país, que está presente em 13 estados brasileiros e corre risco com o desmatamento.

A ideia do conjunto de pinturas, fotografias e esculturas é refletir sobre a influência que o bioma possui na construção criativa destes artistas que acolhem a natureza em linha reta, e ao mesmo tempo, as edificações que foram se desenvolvendo no centro-oeste geopolítico do país – ou seja, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal, e algumas regiões

CCJF não funcionará dias 20 e 21 de fevereiro e entre os dias 28 de fevereiro e 10 de março



Dias 20 e 21 de fevereiro o Centro Cultural Justiça Federal estará fechado ao público em virtude de um evento institucional.

E, por conta do período carnavalesco, o CCJF ficará fechado entre os dias **28 de fevereiro**, sexta-feira, e **10 de março**, segunda-feira. A partir do dia **11 de março**, terça-feira, voltaremos às nossas atividades normalmente.

Desejamos a todos um ótimo carnaval!



fronteiras de Minas Gerais e da Bahia. É demonstrar que a proximidade das terras e das culturas influenciam o modo de pensar e a produção de seus habitantes e daqueles que escolheram a região para viver.

A realização é do Instituto de Promoção à Arte e Cultura (IPAC) e do Ministério da Cultura por meio da Lei Rouanet, com produção assinada pela 4Art. O patrocínio é da Eletrobras e o apoio, do CCJF. “Graças à parceria entre diferentes instituições conseguimos tornar possível a apresentação do universo artístico do cerrado brasileiro, uma das riquezas do nosso Brasil. Atrair as características desse bioma à arte contemporânea é jogar luz à importância da nossa terra, da biodiversidade, do clima tropical e do relevo”, destaca Simone Schreiber, desembargadora do Tribunal Federal Regional 2ª Região (TRF2) e diretora-geral do CCJF.



Obras da exposição Horizonte Cerrado.

Na abertura da exposição, no último dia 25, o público, encantado, pôde conferir de perto as obras de arte dentro das quatro salas que compõem a mostra, cada uma com um recorte diferente, intituladas: “Na linha contínua da paisagem, o que permanece”; “Entre traçados, anotações e costuras”, “Chão de terra, céu azul, chão de concreto”; “Das reminiscências do agora” e “O comum extraordinário: subversões”. A curadora Marília Panitz explica que a concepção da mostra foi pensada em como os artistas – muitos deles nascidos em Brasília, Mato Grosso, Goiás, Bahia, e adjacências, ou até aqueles que possuem uma história na região central do país –, pensam esse horizonte mais reto, essa vegetação, essas cidades planejadas e modernas, e, em contraponto, essa herança cultural forte que ainda persiste e é tão desconhecida do restante do Brasil. “Queria que vocês tivessem essa viagem a esse espaço que nem todos conhecem, outros conhecem mas não essa parte mais profunda do Brasil e tenham prazer nisso. É o que a gente espera”, convida Marília.

Para a visitante Luisa Moser, gerente de vendas, *Horizonte Cerrado* é uma oportunidade única para quem gosta de arte conhecer um pouco da produção artística fora do eixo Rio X São Paulo, além de entender melhor sobre o que é uma coleção particular. Ela, que nasceu na região Centro-Oeste, também lembra da importância do tema para a sociedade brasileira. “À primeira vista não é um bioma que encha os olhos como uma

Leve livros para casa, de forma rápida e simples

pegue & leve

Sabe aquela lista de metas que costumamos fazer no início do ano? Pois é. Se um dos itens do seu *checklist* de 2025 é ler mais livros, o CCJF pode ajudar a riscar esse objetivo do papel! O projeto **Pegue e Leve**, iniciativa da Biblioteca do CCJF, que disponibiliza livros de forma gratuita, está de cara nova. Agora, cada visitante do Centro Cultural pode levar até **quatro livros**, por mês, para casa. Basta retirar o exemplar que gostou do carrinho de doações que fica próximo à cafeteria *Café com Arte*, localizada no térreo. Por exemplo, você pode retirar um livro por semana, dois a cada 15 dias ou quatro, de uma vez, por mês. Basta assinar, na recepção, uma lista de controle de retirada e pronto. Fácil e rápido.

Outra novidade é que começamos a aceitar doações de livros. É só trazer aquela história ou livro acadêmico que você já leu e fica empoeirado na estante. Assim, outra pessoa pode ter a oportunidade de ampliar os conhecimentos ou a imaginação. E viva a literatura!



A história do CCJF: agende sua visita!

Mata Atlântica ou Floresta Amazônica, mas isso é só à primeira vista. Se você se demorar um pouco percebe que é um bioma incrível e está sendo ameaçado pelo desmatamento, pelo avanço da fronteira agrícola. Então, acho que é urgente e importante trazer essa questão para que arte e conservação ambiental caminhem juntas”, pontuou.

A mostra *Horizonte Cerrado: viver no centro do mapa* é gratuita e funciona de terça a domingo, das 11h às 19h, nas galerias do 2º andar do CCJF. Vale muito a visita! Veja mais [aqui](#), inclusive a lista completa dos artistas participantes.



No palco, o ator e idealizador da peça *Jesus Borges* e a atriz *Renata Leite* se apresentando para o público do CCJF.

A Mão na Face: entre o riso e o abismo

Durante o primeiro mês do ano, o espetáculo *A Mão na Face* preencheu quase todas as poltronas do teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** em todos os dias de apresentação. O lugar histórico ficou envolto em um ar de curiosidade, que logo se transformava em gargalhadas nada contidas. A peça surgiu como um presente de Natal tardio aos que decidiram assistir ao diálogo de uma prostituta e uma Drag Queen em um camarim de boate periférica.

Aos olhares menos atentos, a obra do cearense Rafael Martins, é isso — o diálogo de uma prostituta e uma Drag Queen —, mas, aos que foram sentenciados a afrouxar as amarras sociais apenas um pouquinho de seus olhos, perceberam que o que estava sendo escancarado era um pedaço de nós, bem ali, no palco. A prostituta Mara (Renata Leite) e a Drag Queen Gina (Jesus Borges) ganharam vida naquele palco e nos corações de cada espectador, que, assustado com sua profundidade, se calava atento ao que estava por vir — mas logo vinha uma sacada genial e podíamos todos relaxar e gargalhar com a falta de seriedade daqueles personagens tão complexos.

A Mão na Face é isso; riso e choro. Riso de deboche, riso de frustração, mas quase nunca um riso de alegria. Os espectadores vêem duas personagens que dividem um homem e histórias de vida. Personagens que desdenham de si, mas jamais uma da outra, que falam sobre suicídio e dignidade e se acabam de rir depois de um salto voar pelo palco. É uma peça para enxergar o



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

Visitas orientadas (exceto no recesso judiciário e feriados):
De terça a sexta
das 14h às 17h
Gratuito

O agendamento pode ser feito pelo e-mail:
visitas.ccjf@trf2.jus.br



Refúgio para a mente (e para os olhos)



que ninguém vê, duas vidas quase sempre anuladas, duas vidas sentenciadas à morte.

A peça se fez espetáculo com a atuação de Jesus Borges e Renata Leite. "Acho que todo mundo tem um pouco das duas personagens, mas é preciso coragem pra assumir que temos uma Mara dentro de nós. Eu tenho, claro! E tento também sentir a dor que ela tem em relação a vida e ao mesmo tempo a fortaleza que ela tem no existir", relatou a atriz.

"O principal significado desse espetáculo, é a humanidade, ele toca nas nossas feridas, nos nossos quereres, no que deixamos de querer, nas nossas faltas... é a vida sendo desmascarada diante dos nossos olhos, sem capa protetora, sem escudo de defesa. Uma vez que o público entra no teatro, é quase impossível não se envolver nessa história tão desnuda, tão real, tão de todos nós", pontuou Jesus Borges.

De fato, uma vez que o público entra no teatro, é quase impossível não pertencer a essa história. O espetáculo ainda está em cartaz no CCJF, até o dia 16 de fevereiro. Não deixe de prestigiar!



Mesa de abertura da Semana Nacional de Combate a Intolerância Religiosa na Sala de Sessões do CCJF.

“A questão não é de fé, é política”, diz o babalawô Ivanir dos Santos, em abertura da Semana Nacional de combate à Intolerância Religiosa, no CCJF

Um problema secular que ainda desafia a coexistência pacífica da sociedade ao redor do mundo. No Brasil, o livre exercício de cultos religiosos e a liberdade de crença são direitos garantidos pela Constituição de 1988, porém, nos últimos anos, o número de casos de intolerância religiosa tem aumentado. De acordo com pesquisa do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, o registro de denúncias ligadas ao tema subiu de 615, em 2018, para 1.418, em 2023. Ou seja, um salto de 140%, sendo o estado do Rio de Janeiro entre os que mais possuem denúncias.

No intuito de refletir sobre esse triste cenário, o Centro de Articulação de Populações Marginalizadas - Ceap, organização não governamental, sem fins lucrativos, e o Governo Federal,

Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca e a Sala de Leitura estão abertas ao público de **terça a sexta**, das **12h às 17h**, exceto no recesso judiciário e feriados.



Programação do CCJF no WhatsApp

Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:



realizaram a *Semana Nacional de combate à Intolerância Religiosa*, nos dias 21 e 22 de janeiro, no **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Na abertura do evento, o professor universitário e babalawô, Ivanir dos Santos, resumiu o cerne do problema: “essa questão não é de fé, é uma questão política. As pessoas demoram a compreender que, por trás das construções religiosas, têm um interesse econômico, social e político”, destacou, ao indicar que o caminho para a diversidade passa por esse ponto crucial.

Além dele, participaram da mesa de abertura, Elé Semog, professor e presidente do Ceap e Elaine Pauvalid, diretora da Divisão de Cultura do CCJF. Na ocasião, Semog aproveitou para citar o novo governo americano, com o recém-eleito Donald Trump, ressaltando tendências ao racismo e contrárias à representatividade de minorias no poder. “Hoje uma nação rica tem um presidente que nos assusta com suas propostas de governo. Ele foi eleito pelo povo americano, mas o que temos que fazer é buscar caminhos para aprimorar a democracia e não desistirmos da nossa luta nunca”, ressaltou. Já Elaine agradeceu mais um ano de parceria entre CCJF e Ceap e reforçou a importância da causa tema do encontro anual. “Aqui, estamos todos comprometidos com essa luta por uma sociedade mais justa e temos colhido frutos desse avanço. No entanto, ainda temos presenciado cenas de intolerância religiosa e as diferenças que nos caracterizam, seja como indivíduo ou grupo. Assim, falar de combate à intolerância religiosa, é, sobretudo, falar de combater a intolerância à vida”, pontua.



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)



Organizadores e público dançam no Hall de entrada do CCJF.

Do passo tímido ao embalo do Coco: a estreia de Ritmos Brasileiros no Verão

No dia 16 de janeiro, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu, em seu Hall de entrada, a Roda de Coco do grupo Zanzar, apresentação que estreou o *Ritmos Brasileiros no Verão*, em que quatro diferentes grupos se apresentam no saguão do CCJF com um único objetivo: disseminar ritmos musicais brasileiros menos conhecidos entre os ouvidos atentos de quem passa pela Cinelândia.

O Grupo Zanzar é um coletivo cultural fundado há 19 anos que pesquisa e difunde culturas tradicionais brasileiras como Coco, Jongo, Frevo, Cirandas, Sambas de Roda, Cavalo-Marinho, Afoxés, Carimbós, Caboclinhos, entre outros. E é claro que no CCJF não foi diferente. Aqui, quem se arriscou a colocar os pés no piso histórico, conheceu o Coco; forma de expressão nordestina fundada pelo encontro ancestral das culturas indígena e afro-brasileira. O ritmo entrou não só no ouvido dos pedestres, como possuiu as pernas de quem se aventurou a entrar na dança. Foi uma verdadeira celebração à diversidade.

Nos relatos de cada músico, uma coisa chamou a atenção de todos: o grupo de jovens aprendizes que, à espera do VLT, foram hipnotizados pela música e guiados à roda que então se formava de timidez, dos que foram ao centro, e gargalhadas dos que apenas assistiram. “Uma surpresa e um desafio fazer uma roda neste período de férias escolares. Poderia ter sido um fracasso de público, mas considero que foi um sucesso. As pessoas que foram se achegando, se deixando contagiar pelo ritmo do coco e que, inicialmente, um pouco tímidas, conseguiram se ‘jogar’ e se divertiram bastante, foi o auge”, destacou Renata Versari, do Grupo Zanzar.



Eliane Rogério e Edson Ramos conduzem a aula de Integração Corporal no Foyer da Sala de Sessões do CCJF.

Tapetinhos de Yoga movimentam o CCJF nesse início de ano

O ano começou com o pé direito no **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Com duas aulas abertas de yoga, o Foyer da sala de sessões, que costumava ser um ambiente decisivo para a Justiça brasileira, recebeu tapetinhos, colchonetes e muita gente entusiasmada, pronta para meditar.

Aula Aberta com Mariana Carvalho

No dia 23 de janeiro, o CCJF recebeu uma verdadeira profissional em um estilo de vida que equilibra o corpo e a mente. A yoguini, que também é assistente social, gestora de cooperativa e empresária, trouxe ao CCJF uma proposta laboral: trabalhar a respiração e liberar as articulações das tensões do dia a dia, o que Mariana chamou de “prática de yoga no escritório”. A professora convidou pessoas de todas as idades a uma pausa revigorante para renovar as energias e conseguiu conduzir a aula com maestria. “Frequentar nossos espaços públicos é um direito e também um dever. Manter nossa cultura viva passa por estarmos presentes. Ter a oportunidade de levar uma aula de yoga laboral ao CCJF, ocupando esse espaço com

bem-estar e conexão através do yoga, foi especial - um momento de pausa e equilíbrio no meio do dia, reforçando que esses espaços são para todos”, relatou Mariana Carvalho.

Integração Corporal - Aula Aberta com Eliane Rogério e Edson Ramos

No dia 31 de janeiro foi a vez de Elaine Rogério e Edson Ramos movimentarem o CCJF com outra aula excepcional de yoga. Dessa vez, foram Eliane Rogério – psicoterapeuta, psicomotricista somática e professora de Yoga especialista em Respiração – e Edson Ramos – professor de Educação Corporal que desenvolve atividades baseadas em ritmo e expressão corporal, relaxamento e respiração – que colocaram todos no chão para mas uma sessão de relaxamento. “A atividade foi potente, o público aderiu, transformando os corpos dos participantes que elogiaram as dinâmicas de respiração, bem-estar, consciência corporal, interatividade coletiva e auto-observação”, pontuou Eliane.



O Papel do Humor em Tempos de Superficialidade

por Celso Andre, ator e Mestre em Artes Cênicas pela UNIRIO.

A peça Deboche - A Tragédia está em cartaz no Teatro do CCJF até o dia 26 de fevereiro.

“Vamos nos permitir rir - não apenas para escapar, mas para compreender e, quem sabe, transformar.”

Nos tempos de hoje, onde a estética se sobrepõe ao conteúdo, as relações são mediadas por telas e likes e substituem conexões humanas, o que ainda nos resta? Será que conseguimos rir de nós mesmos sem cair na armadilha do cinismo? Ou pior, será que ainda conseguimos rir de verdade? É nesse cenário que surge *Deboche - A Tragédia*, espetáculo que está em cartaz no Centro Cultural da Justiça Federal. Criada por Celso Andre e Thiago Chagas, sob a direção de Isadora Medella, Luá Zanotta, Pia Manfroni e Ricardo Nolasco, a peça mergulha no humor crítico do besteiro e na provocação ácida do cabaré como ferramentas para transformar o caos moderno em comédia. Mas calma, não falamos de uma comédia fácil, que só arranca risadas sem consequências. Aqui, rimos do que nos assombra: nossa obsessão pela aparência, as regras invisíveis das redes sociais, a vaidade vazia de uma sociedade que vive para a aprovação alheia. Rimos das pequenas tragédias cotidianas transformadas em teatro. Mas será que estamos prontos para esse riso?

A busca pelo sucesso e aceitação tem se tornado um jogo de circuitos sociais e digitais cada vez mais exaustivo. Em *Deboche*, isso se traduz em cenas como “Área VIP”, em que duas promoters ficam presas em um frigorífico, presas ao paradoxo da nossa época: congeladas pela busca incessante por status. A metáfora nem precisa ser explicada, certo? Já em “*Mãe de Santo Social*”, vemos o fenômeno do capitalismo espiritual. Não basta mais acreditar ou buscar autoconhecimento; agora, é preciso performar a fé na internet, vender cursos de alinhamento energético e oferecer pacotes “altamente espirituais” via pix. O exagero da cena só escancara o quão normais esses comportamentos já se tornaram. E há também a cena “*A Foragida do*

Nosso Lar”, onde uma atriz dramática, após desencarnar, não se adapta à vida na colônia espiritual e decide fugir. A situação cômica e absurda nos leva a refletir sobre as futilidades do mundo carnal com humor e ousadia. A personagem, insatisfeita com o rigor celestial, expõe a nossa própria dificuldade de se desapegar das trivialidades terrenas, mesmo diante do desconhecido. O humor de *Deboche* nos convida a rir dessas situações, mas não de maneira cruel ou destrutiva. Afinal, se existe uma coisa que nos diferencia dos robôs que alimentam algoritmos, é nossa capacidade de rir e refletir ao mesmo tempo.

Rir de si mesmo exige coragem. Em tempos de polarização e ansiedades coletivas, muitas vezes rimos para escapar. Mas e quando o riso nos obriga a olhar para dentro? Segundo os criadores de *Deboche*, esse humor provocativo não é sobre apontar o dedo, mas sobre abrir os olhos. A herança cômica do besteiro e do cabaré tem essa função: expor, exagerar, satirizar e empurrar a plateia para um tipo de desconforto que vem sempre acompanhado de verdade. O riso não é um fim em si mesmo, mas um processo - uma ferramenta para expor essa nossa tragicomédia diária. E, se nos permitirmos rir, sem medo de parecer ridículos, talvez encontremos uma saída para o esgotamento de nossa era. Porque, se não pudermos nos olhar no espelho e admitir que toda essa loucura já passou dos limites, então sobra o quê?

Em uma era marcada pela superficialidade, rir de verdade - com inteligência e autocrítica - é quase um ato de resistência. *Deboche - A Tragédia* nos mostra que o riso pode ser uma ferramenta poderosa para enfrentar as crises existenciais e sociais. Ao rir de nossas próprias tragédias, encontramos uma forma de desarmar a seriedade sufocante e abrir espaço para a transformação. A peça nos lembra que nossas tragédias, quando vistas sob a luz do humor, podem se transformar em motores de reflexão e mudança. O humor, nesse sentido, é uma forma de resistência à superficialidade e ao pensamento simplista. Então, voltamos à pergunta central: é possível rir de nós mesmos com leveza, consciência e inteligência? A resposta de *Deboche - A Tragédia* é um ressonante **sim**. Mas esse riso exige um nível de autoconhecimento e coragem que nem todos estão dispostos a alcançar. Rir de si mesmo é um gesto de profunda subversão. Não se trata de zombar das falhas humanas com crueldade, mas de reformulá-las e humanizá-las. É um processo que nos aproxima dos outros e nos permite reconhecer nossas vulnerabilidades compartilhadas como ponto de partida para a transformação social.

Em última análise, *Deboche - A Tragédia* nos convida a usar o riso não apenas como uma forma de entretenimento, mas como uma ferramenta de crítica social e autoconhecimento. Porque, se não pudermos rir de nossas próprias contradições, como poderemos esperar mudá-las?

Vamos nos permitir rir - não apenas para escapar, mas para compreender e, quem sabe, transformar.



[Ver este email no navegador](#)

Recebeu este e-mail por ter uma ligação com a Centro Cultural da Justiça Federal. Por favor [reconfirme](#) o seu interesse em continuar a receber os nossos e-mails. Se não desejar receber mais e-mails poderá [remover a sua subscrição aqui](#).

Essa mensagem foi enviada para tcbalthazar@gmail.com por imprensa.ccjf@trf2.jus.br
Av. Rio Branco, 241 - Centro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 20040-009, Brazil

✓ Verificação de Remoção de Subscrição™ [Remover Inscrição](#) | [Gerir Subscrição](#)



This is a Test Email only.

This message was sent for the sole purpose of testing a draft message.